

Usineiros e bóias-frias fazem acordo em Campos

Em reunião que começou com a promessa, feita pelos representantes dos usineiros, de assinar as carteiras de todos os trabalhadores, foi firmado ontem um acordo de 13 itens, na Subdelegacia Regional do Trabalho em Campos, pondo fim à greve dos cortadores de cana que teve início segunda-feira, com a paralisação de cerca de 25 mil bóias-frias. Os trabalhadores, que perderão os salários relativos a um dos dias parados, tiveram aceitas praticamente todas as suas reivindicações, com algumas reduções nas propostas de salários.

Mostrando cálculos comparativos, o Presidente do Sindicato da Indústria e da Refinação de Açúcar, Antônio Evaldo Inojosa, ponderou que os índices obtidos pelos trabalhadores de Guariba (SP), em maio — Cr\$ 1.740 por tonelada de cana cortada, ou o equivalente a Cr\$ 60 por metro linear de cana irrigada —, e que estavam sendo exigidos pelos bóias-frias em greve, incluíam conquistas como férias e o 13º salário, que já são pagas no Estado do Rio.

Antônio Inojosa disse que a assinatura das carteiras "fará desaparecer da região a figura do bóia-fria ligado às firmas empreiteiras de mão-de-obra". Destacando que a abertura do diálogo entre as partes contribuirá para reativar a economia do setor, "desde que se providencie a irrigação dos canaviais, pois todas as usinas estão trabalhando com capacidade ociosa", ele comentou, sobre os custos adicionais derivados das concessões ontem feitas:

— Não haverá problemas para a cobertura desses gastos, desde que o Governo aceite os índices de reajuste para os produtos finais (açúcar e álcool) de acordo com os níveis fixados pela Fundação Getúlio Vargas, que nunca foram respeitados.

O Presidente do Sindicato Rural de Campos, Manoel Francisco Pereira, considerou que o resultado mais importante do encontro foi o reconhecimento dos usineiros ao sindicato, "ao sentar-se com ele na mesa de discussão, o que não acontecia há mais de 20 anos".

PREJUÍZO

Além de Inojosa e Pereira, o acordo foi assinado pelo Delegado Pedro Correa Neto, José Maria Rangel Felizardo (pelos trabalhadores), Célio Wagner e Orlando Clemente (pelos empregadores).

Segundo Inojosa, pelo menos cinco usinas paralisaram a moagem por falta de cana, e as 12 outras poderão fazê-lo até meio-dia de hoje, quando ele acredita que estará normalizado o processo de corte, carregamento e transporte. A paralisação atingiu apenas empregados de usinas e prestadores de serviços a empreiteiras, mas não os trabalhadores das fazendas, que continuaram suprindo as necessidades das usinas mais próximas.

A paralisação, segundo o presidente do sindicato das indústrias, deu prejuízos de Cr\$ 4,1 bilhão, referentes a cerca de mil toneladas de cana que as usinas deixaram de receber e dez mil toneladas de cana queimadas e não colhidas, por terem entrado em processo de perda de sacarose.